

O VERBO EM ESPERANTO

Geraldo Mattos
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo explicitar a estrutura do verbo em Esperanto, chegando a uma análise lexical que permita uma coerente interpretação semântica, principalmente do jogo de participios da língua internacional, que possui três ativos e três passivos. Mostrou-se que o verbo esperantista tem três ordens de morfemas: a primeira, que responde pelo significado de efetividade; a segunda, que responde pelo significado de controle do diálogo, porque a forma verbal se explica melhor quando se pensa que ela situa o momento do discurso, nunca ao contrário; a terceira, que implica uma classe de período. Os participios foram interpretados como subordinações das formas verbais finitas, concluindo-se pela inexistência de vozes e de formas complexas do verbo.

1. Introdução.

A descrição do verbo em Esperanto tem-me preocupado desde que apresentei a descrição do verbo em português num artigo de 1967 para a revista da Universidade Católica do Paraná.

A simetria formal da conjugação verbal em Esperanto tem dificultado a descoberta da sua verdadeira estrutura, porque há uma diferença essencial entre essa simetria formal e a interpretação semântica do valor dessas formas.

Agora, parece-me que cheguei a uma descrição coerente, em que se combinam os aspectos lexicais e semânticos da sua conjugação.

Agrada-me, portanto, dedicar este trabalho ao Prof. Dr. Eurico

Back, com quem tenho trabalhado por tantos anos e a quem me ligam indissociáveis laços de amizade fraterna.

1.1 Descrição tradicional do verbo em Esperanto.

O verbo vem descrito na 6ª. regra da gramática fundamental do Esperanto, que data de 1887 e foi apresentada em francês, em inglês, em alemão, em polonês e em russo.

Segue a descrição do verbo em francês, devendo-se observar que a palavra esperantista é sempre paroxítona:

6. Le verbe ne change ni pour les personnes, ni pour les nombres. Ex.: mi far'as — je fais, la patr'o far'as — le père fait, ili far'as — ils font.

Formes du verbe:

- a) Le présent est caractérisé par as; ex.: mi far'as — je fais.
- b) Le passé, par is: vi far'is — vous faisiez, vous avez fait.
- c) Le futur, par os: ili far'os — ils feront.
- d) Le conditionnel, par us: ŝi far'us — elle ferait.
- e) L'impératif, par u: far'u — fais, faites; ni far'u — faisons.
- f) L'infinitif, par i: far'i — faire.
- g) Le participe présent actif, par ant: far'ant'a — faisant, far'ant'e — en faisant.
- h) Le participe passé actif, par int: far'int'a — ayant fait.
- i) Le participe futur actif, par ont: far'ont'a — devant faire, qui fera.
- j) Le participe présent passif, par at: far'at'a — étant fait, qu'on fait.
- l) Le participe passé passif, par it: far'it'a — ayant été fait, qu'on a fait.
- m) Le participe futur passif, par ot: far'ot'a — devant être fait, qu'on fera.

La voix passive n'est que la combinaison du verbe est (être) et du participe présent ou passé du verbe passif donné. Le, , de ' ' ou le, , par ' ' du complément indirect se rendent par de. Ex.: ŝi est'as am'at'a de ĉiuj — elle est aimée de tous (part. prés.: la chose se fait). La pord'o est'as ferm'it'a' — la porte est fermée (part. pas.: la chose a été faite).

As várias formas podem ser distribuídas num quadro simétrico,

que permite que se percebam alguns morfemas repetidos:

faras	faranta	farata	fari
faris	farinta	farita	farus
faros	faronta	farota	faru

O erro fundamental dos gramáticos e lingüistas esperantistas foi o de não descobrirem as várias ordens de morfemas verbais, levados principalmente por essa gramática fundamental, que apresenta desinências complexas, como /-as/, /-is/ e /-os/, além da quarta coluna, que mistura uma forma infinita (*fari*) e duas formas finitas (*farus* e *faru*). Além disso, como essa gramática fundamental foi declarada intocável pelo primeiro congresso esperantista, em 1905, o esperantista prendeu-se mais à letra dessa gramática, anterior a toda lingüística descritiva, antes que ao espírito dela, documentado nos textos apensos, também intocáveis.

1.2 Etimologia da conjugação verbal em Esperanto

As desinências verbais não foram inventadas pelo Criador do Esperanto, mas dependem de desinências encontradas em várias línguas naturais.

O pré-esperanto, anterior a 1887, usava todas as vogais, porque apresentava estas formas finitas:

- faras: presente do indicativo;
- fares: imperfeito do indicativo;
- faris: perfeito do indicativo;
- faros: futuro presente do indicativo;
- farus: futuro pretérito do indicativo.

A desinência /-as/ prende-se ao presente da língua latina, na sua primeira conjugação: *amas*, *donas*, *renovas*. A desinência /-is/ reflete também um sufixo latino, ainda na 2ª. pessoa: *amavisti*, *donavisti*, *renovavisti*. A desinência /-os/ tem, de um lado, a consoante final, tomada aparentemente por motivos analógicos, e a vogal, que espelha também o futuro latino: *amabo*, *donabo*, *renovabo*. A desinência /-es/ se explica pelo imperfeito francês na sua pronúncia: *aimais*. A desinência /-us/ remete para as línguas neolatinas, principalmente o francês, em que o futuro e o condicional se distinguem por leve diferença das desinências e, no caso do francês, apenas pela alternância vocálica de vogal fechada (para o futuro) e aberta (para o condicional): *aimerai*, *aimerais*. O imperativo tem a sua origem no imperativo grego da voz média, também constituído pela mesma vogal, e também no imperativo do hebraico, língua bem dominada por Zamenhof, o primeiro gramático moderno a descrever essa língua. O infinitivo, novamente, volta ao latim por

seu infinitivo passivo e depoente: nasci (em Esperanto: naski). Os participios se derivam tipicamente do latim, que tem o sufixo /nt/ para a voz ativo, participio presente, e o sufixo /t /, participio passado, combinados ambos com uma das vogais que marcam aparentemente os tempos presente, passado e futuro. Os participios tomam ainda a desinencia /-a/, própria de todos os adjetivos da língua, ou /-e/, própria de todos os advérbios derivados. A forma adverbial dos participios responde pelo sentido do gerúndio latino e português.

2. Estrutura sintático-semântico

O verbo tem uma estrutura constituída de seis funções: uma essencial (E) e cinco acidentais (A), das quais três são obrigatórias e duas, facultativas. A cada uma dessas funções corresponde uma classe de morfemas. A estrutura completa pode ser exemplificada com a forma verbal seguinte:

<u>re</u>	<u>far</u>	<u>ad</u>	∅	a	s
A	E	A			
<u>M₁</u>	<u>M₂</u>	<u>M₃</u>	<u>M₄</u>	<u>M₅</u>	<u>M₆</u>

M₁ é ocupante da função de menção (no caso, significa repetição), M₂ é ocupante da função de eixo (no caso, significa fazer), M₃ é ocupante da função de grau (no caso, significa duração), M₄ é ocupante da função de efetividade (no caso, significa não-eventualidade), M₅ é ocupante da função de controle do diálogo (no caso, significa simultaneidade do diálogo com o fato externado pelo morfema de eixo do verbo), M₆ é ocupante da função de constatação (no caso, significa não-imperativo, nas possibilidades assertiva, interrogativa parcial ou interrogativa total).

O correspondente português seria aproximadamente este:
(alguém) refaz continuamente

2.1. Função de eixo

A função de eixo é ocupada por um morfema verbal dentro do processo coesivo:

<u>far</u>	∅	a	s
<u>E</u>	A	A	A
<u>M₂</u>			

Pelo processo subordinativo, pode aparecer nessa função um vocábulo substantivo ou adjetivo, que assume uma variante sem os morfemas indicadores da classe substantiva ou da adjetiva, respectivamente /o/ e /a/. Baste-nos um exemplo com o substantivo **broso** (escova):

<u>bro</u> <u>s</u>	<u>o</u>	<u>∅</u>	<u>a</u>	<u>s</u>
<u>E</u>	<u>A</u>			
<u>M₂</u>	<u>M₈</u>			
<u>V</u>				
<u>E</u>		<u>A</u>	<u>A</u>	<u>A</u>
<u>M₂</u>				

Pode também aparecer na função de eixo uma locução (conjunto de vocábulos), também com as mesmas variantes vocabulares:

<u>liber</u>	<u>a</u>	<u>temp</u>	<u>o</u>	<u>∅</u>	<u>a</u>	<u>s</u>
<u>E</u>	<u>A</u>	<u>E</u>	<u>A</u>			
<u>M₂</u>	<u>M₈</u>	<u>M₂</u>	<u>M₈</u>			
<u>V</u>		<u>V</u>				
<u>L</u>						
<u>E</u>				<u>A</u>	<u>A</u>	<u>A</u>
<u>M₂</u>						

O desempenho vai apresentar-nos as formas seguintes:

brozas	(alguém) escova
libertempas	(alguém) passa o tempo livre

2.2 Função de menção.

É uma função facultativa, que tem por ocupantes os morfemas de uma classe fechada. Alguns exemplos:

Re	far	i	fazer de novo
mis	far	i	fazer errado
ek	far	i	começar a fazer
A	E	A	
<u>M₁</u>			

Evidentemente, pode também interferir o processo subordinativo.

2.3 Função de grau.

A função de grau é facultativa e tem por ocupantes os morfemas de uma classe fechada de três ocupantes. Um exemplo:

rid	et	i		rir pequeno (sorrir)
rid	eg	i		rir grande (gargalhar)
rid	ad	i		rir continuamente
<u>rid</u>	<u>ad</u>	<u>i</u>		
E	A	A		
	M ₃			

O processo subordinativo interfere de uma única maneira:

<u>rid</u>	<u>et</u>	ad	i	
E	A			
M ₂	M ₃			
	V			
<u>E</u>	<u>A</u>	<u>A</u>		
M ₂	M ₃	M ₈		
	V			

2.4 Função de efetividade

A função de efetividade é servida por uma classe de dois morfemas: o morfema /u/, que denota o significado de eventualidade do fato, e o morfema /ø/, que indica a não-eventualidade do fato. Exemplos:

dorm	ø	o	s	(alguém) dormirá
dorm	u	ø	s	(alguém) dormiria ou dormisse
<u>E</u>	<u>A</u>	A	A	
	M ₄			

As formas eventuais do verbo apresentam o fato como uma dependência de circunstâncias estranhas ao próprio fato.

2.5 Função de controle do diálogo

A função de controle do diálogo é ocupada por um dos morfemas seguintes, pertencentes a uma classe fechada:

dorm	ø	a	s	(alguém) dorme ou está dormindo
------	---	---	---	---------------------------------

dorm	\emptyset	i	s	(alguém) dormiu ou dormia
<u>dorm</u>	<u>\emptyset</u>	<u>o</u>	<u>s</u>	(alguém) vai dormir
E	A	A	A	
		<u>A</u>		
		M ₅		

A função semântica desta classe de morfemas é a de situar o diálogo com respeito ao momento do fato:

- /a/ – o diálogo acontece durante o fato.
- /i/ – o diálogo acontece depois do fato.
- /o/ – o diálogo acontece antes do fato.

O mais comum é que exista uma classe de morfemas para situar o fato com referência ao diálogo, mas este ponto de vista cria uma série de dificuldades para o emprego dos participípios, que, por serem puros adjetivos, se referem a um substantivo, sem relação com o diálogo. Como os morfemas de controle do diálogo aparecem dentro dos participípios, seria impossível explicar por que esses mesmos morfemas não estão, no caso, respondendo por um tempo marcado pelo diálogo, se todo tempo verbal dependesse do diálogo. No caso contrário, basta saber que os participípios se ligam aos substantivos e, por isso, deixam de situar o tempo do diálogo.

Os morfemas /i/ e /o/ tem respectivamente um alomorfe, morfemicamente determinado pelo morfema /u/, da classe anterior: ambos se realizam por uma variante vazia. A homonímia destes alomorfes é eliminada pela combinatória deles com um dos morfemas da classe seguinte: a variante (\emptyset) do morfema /i/ aparece apenas antes do morfema /s/, enquanto a variante (\emptyset) do morfema /o/ ocorre apenas antes do morfema / \emptyset /. Assim, o Esperanto conceitua o condicional como uma eventualidade no passado (e disso provém a idéia de irrealidade) e o imperativo como uma eventualidade no futuro (e disso provém a idéia mais comum de comando). Este é o conjunto das formas onde aparecem os alomorfes desses morfemas:

dorm	u	\emptyset	s	(alguém) dormiria ou dormisse
<u>dorm</u>	<u>u</u>	<u>\emptyset</u>	<u>\emptyset</u>	(alguém) durma
E	A	A	A	
		<u>A</u>		
		M ₅		

2.6 Função de constatação.

A função de constatação é manifestada por uma classe de dois

morfemas: o morfema /s/, que serve ao significado de períodos assertivo, interrogativo parcial e interrogativo total, e o morfema /Ø/, que atende ao significado de período jussivo

2.7 Combinatória semântica

O significado específico da forma verbal depende da combinatória de três opções:

- a) a efetividade, que se realiza como eventualidade ou não-eventualidade;
 - b) o controle do diálogo, que se realiza como simultaneidade, posterioridade ou anterioridade do diálogo com referência ao fato,
 - c) a constatação, que se realiza como obrigação ou não obrigação.
- A combinatória nos permite este quadro:

Não-eventualidade	Simultaneidade	as	Não obrigação
	Posterioridade	is	
	Anterioridade	os	
Eventualidade	Posterioridade	— us	Obrigação
	Anterioridade	u	

O emprego das formas verbais reúne, portanto, essas várias possibilidades, que constituem o significado mínimo.

3. Estrutura sintático-semântica da forma infinita.

As formas infinitas são o infinitivo, os participípios ativos e os passivos.

3.1 Infinitivo.

O infinitivo é neutro com referência à efetividade, ao controle do diálogo e à constatação. O morfema /i/, próprio de infinitivo, é apenas um morfema de classe: conservando o valor de verbo da forma do ponto de vista da regência, ele o transforma em substantivo. Assim, temos os exemplos:

Agrable estas danci
 Mi volas danci
 Li sukcesis danci
 A estrutura é esta:

dançar é agradável.
 quero dançar.
 ele conseguiu dançar.

don	i	
E	A	
M ₂	M ₈	
V		

3.2 Participípios.

Os participípios são adjetivos ou advérbios. Em resultado, ocorre neles o processo subordinativo.

3.2.1 Participípios ativos.

Os participípios ativos são apenas adjetivos que se referem aos substantivos que podem manifestar o sujeito dos respectivos verbos. Seria melhor chamá-los participípio subjetivos.

A estrutura deles é esta:

far	a	nt	a
far	i	nt	a
far	o	nt	a
<u>E</u>	<u>A</u>	<u>A</u>	
M ₂	M ₅	M ₆	
V			
<u>E</u>		<u>A</u>	
M ₂		M ₈	
V			

Torna-se fácil observar que a forma de participípio é dada pela subordinação de toda a forma verbal finita, valendo o morfe (nt) simplesmente como um alomorfe do morfema /s/. Os participípios indicam apenas os aspectos do próprio fato:

konstruanta homo
 konstruinta homo
 konstruonta homo

homem durante a construção
 homem depois da construção
 homem antes da construção

3.2.2 Participípios passivos.

Os participípios passivos são apenas adjetivos que se referem aos substantivos que podem manifestar o objeto dos respectivos verbos. Seria mais próprio chamá-los participípios objetivos.

A estrutura é esta:

far	a	t	a
far	i	t	a
far	o	t	a
<u>E</u>	<u>A</u>	<u>A</u>	
M ₂	M ₅	M ₆	
V			
E			
M ₂			
M ₈			
V			

Os participípios passivos perdem a regência própria das formas finitas do verbo e, por isso, não pertencem à conjugação. O significado de tempo do fato também aparece sem referência ao diálogo:

konstruata domo
 konstruita domo
 konstruota domo

casa durante a construção
 casa depois da construção
 casa antes da construção

3.2.3 Formas complexas do verbo

Afirma-se que as formas complexas do verbo, ativas ou passivas, se fazem com o verbo *esti* (ser ou estar) e os participípios necessários, ativos ou passivos:

Mi estis ferminta la pordon
 La perdo estis fermita de mi

eu tinha fechado a porta
 a porta foi fechada por mim

Enquanto o participípio passado ativo implica um mais-que-perfeito, o mesmo participípio passivo denota apenas o perfeito. Essa falta de correspondência criou enormes polêmicas no campo esperantista. O motivo é que os participípios conservam o sentido que têm como adjetivos coesos a substantivos: o passivo indica sempre um resultado que perdura e, por isso, indica apenas o perfeito, na falta de advérbios específicos que denotem o mais-que-perfeito. Além disso, o participípio ativo é forma verbal, enquanto o passivo é inteiramente adjetivo.

Por outro lado, as formas complexas efetivamente não existem em Esperanto: os participípios constituem apenas o predicativo do sujeito.

3. Conclusão.

O principal resultado deste trabalho é o de que uma descrição

ingênuo de una lingvo povas esti tute diversa de alia, farita kun la necesaj rigoroj lingvistikaj.

En la kazo de la verbo en Esperanto, ĝi finiĝas kelkajn originalajn, tute nekonatajn de la lingvoj okcidentaj:

- a) Ĝi estas verbala sistemo kiu ne dependas de la tempo de la enunco.
- b) Ĝi posedas tri ordonojn de morfemoj fleksiaj.
- c) Ĝi posedas tri participiojn aktivajn kaj tri pasivajn, respektive simultaneajn, posterajn kaj anteaĵajn al la fakteco.
- d) Ĝi formas la participiojn per la subordino de la forma finita.
- e) En sia evoluo, ĝi perdis la imperfekton de la indikativo, kiu havis la sistemon koherentan kiu posedas nun, ĉar la aspekto de la simultaneeco, kaj ĝi havis unu formon nun kaj unu pasintan.

RESUMO

Nia laboro havis la celon prezenti la strukturon de la verbo en Esperanto, kaj ĝi permesis al ni alveni al leksika analizo, kiu donis al ni koheran semantikan interpreton, precipe de la reto de participioj. Estis montrite, ke la verbo en Esperanto posedas tri ordonojn de fleksiaj morfemoj: la unua, kiu respondas pri la signifo de efektiveco; la dua, kiu rilatas al la signifo de kontrolo kaj situigo de la dialogo, ĉar la verboformo estas pli bone klarigata, se ni pensas, ke ĝi fiksas la momenton de la dialogo, ne inverse; la tria, kiu implicas klason de periodoj, kies du eblaj valoroj estas ordono kaj neordono. La participioj estis interpretitaj kiel subordigo de la finitaj verboformoj, kaj ni konkludis pri la neekzisto de vortoj kaj kompleksaj formoj de la verbo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BACK, Eurico & MATTOS, Geraldo. Lingvistika konstruktural: manifesto. *Construktural*, 1 (1):1-130, 1973.
- 2 KALOCSAY, K. & WARINGHIEN, G. *Plena analiza gramatiko de esperanto*. 4. eldono. Rotterdam, Universala Esperanto-Asocio, 1980. 602 p.
- 3 ZAMENHOF, L. L. *Fundamento de esperanto*. 9. eldono. Marmande, Esperantaj Francaj Eldonoj, 1963. 359 p.